

Porções da realidade em uma escola do campo: uma proposta interdisciplinar

Portions of reality in a rural school: an interdisciplinary proposal

RESUMO

Larissa Geovana Corrêa
Larissageo.correa@gmail.com
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Cornélio Procópio, Paraná, Brasil

Línlya Sachs
linlyasachs@yahoo.com.br
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Cornélio Procópio, Paraná, Brasil

O objetivo deste artigo foi relatar as atividades planejadas e realizadas em uma oficina desenvolvida no cenário do estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Matemática, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), no ano de 2018, na Escola Estadual do Campo do Bairro Raul Marinho, localizada no município de Itambaracá-PR. Essa oficina teve como base para seu planejamento o Plano de Estudos das Escolas Itinerantes do Paraná, em especial a proposta referente à porção da realidade “Luta pela Reforma Agrária”, e teve caráter interdisciplinar. Seu intuito foi proporcionar aos estudantes um estudo sobre a desigualdade, de modo que pudessem refletir sobre ela com o suporte da matemática.

PALAVRAS-CHAVE: Educação do Campo. Complexos de Estudo. Reforma Agrária.

Recebido: 19 ago. 2019.

Aprovado: 01 out. 2019.

Direito autoral: Este trabalho está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.



ABSTRACT

The objective of this paper was to report the activities planned and carried out in a workshop developed in the scenario of the supervised internship of the Mathematics Degree course, in *Universidade Tecnológica Federal do Paraná* (UTFPR), in 2018, *Escola Estadual do Campo do Bairro Raul Marinho*, located in the municipality of Itambaracá-PR. This workshop was based on its planning the Study Plan of the Itinerant Schools of Paraná, in particular the proposal regarding the portion of reality “Fight for Land Reform”, and was interdisciplinary. Its purpose was to provide students with a study of inequality so that they could reflect on it with the support of mathematics.

KEYWORDS: Rural Education. Complex Method. Land Reform.

INTRODUÇÃO

Os cursos de formação de professores no país, atualmente, devem levar em consideração as especificidades da Educação do Campo, preparando os futuros professores para atuarem nesse contexto. Nesse sentido, as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (BRASIL, 2002) estabelecem uma série de medidas.

É importante ressaltar que políticas públicas como essa surgiram após diversas ações de movimentos sociais para que fosse reconhecida e respeitada a Educação do Campo, enquanto crítica a modelos anteriores de educação para os povos do campo, chamados de “educação rural”.

Reconhecendo a Educação do Campo enquanto “crítica à realidade da educação brasileira, particularmente à situação educacional do povo brasileiro que trabalha e vive no/do campo”, como afirma Caldart (2009, p. 39), e enquanto modo de compreender e de projetar o campo e a sociedade brasileiros, propusemos a atividade aqui relatada, no contexto de um curso de formação inicial de professores. Trata-se de uma oficina desenvolvida no estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Matemática, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), câmpus Cornélio Procópio, no ano de 2018, na Escola Estadual do Campo do Bairro Raul Marinho, localizada no município de Itambaracá-PR.

METODOLOGIA

Utilizamos como base para nosso planejamento uma proposta, previamente elaborada por Sachs, Carvalho e Elias (2019), que se baseou no Plano de Estudos das Escolas Itinerantes do Paraná (MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, 2013). Esse documento, desenvolvido por pesquisadores, educadores e pelo coletivo de educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), é uma proposta curricular para escolas localizadas em áreas de reforma agrária no estado. Ele se organiza a partir de complexos de estudo – que são, em poucas palavras, temas que reúnem as dimensões da natureza, da sociedade, em conexão com o trabalho, de modo que, em conjunto, elas tratem da complexidade daquela parte da realidade, chamada de “porção da realidade” (FREITAS, 2009).

A proposta foi feita com base na porção da realidade “Luta pela Reforma Agrária”. Foram feitas algumas adaptações na proposta de Sachs, Carvalho e Elias (2019), pois a oficina realizada foi destinada a todos os alunos da escola, que são estudantes de 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, totalizando 24 alunos, em horário de aula – e não apenas para o 7º ano do Ensino Fundamental, como estava planejado.

Assim como propõe o Plano de Estudos, a oficina teve caráter interdisciplinar – neste caso, foram exploradas as disciplinas de Matemática, Arte, História, Geografia e Língua Portuguesa. O objetivo geral da oficina foi proporcionar aos alunos um estudo sobre a desigualdade, de modo que pudessem refletir sobre ela com o suporte da matemática. Como as atividades foram desenvolvidas no estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Matemática, foi necessário dar um enfoque maior para a disciplina de Matemática; assim, alguns conhecimentos matemáticos permitiram aos estudantes realizar uma reflexão crítica a respeito da desigualdade. No Quadro 1, consta o planejamento mais detalhado da oficina:

Quadro 1: Planejamento da oficina

Dia 1

O primeiro dia deve se iniciar com a exposição de uma parte do livro *Terra*, de Sebastião Salgado, publicado em 1997, pela Companhia das Letras, em parceria com José Saramago, que escreveu o prefácio do livro, e Chico Buarque, com o CD *Terra*, que foi comercializado junto com o livro.

Terra possui 109 fotografias em preto e branco, que foram tiradas entre 1980 e 1996. Essas fotos retratavam a condição de vida de trabalhadores rurais sem terra, crianças de rua, além de outros grupos excluídos socialmente, marginalizados e desterrados no Brasil.

Como a oficina trabalhará a desigualdade, escolhemos essa obra para ser o pontapé inicial, pois expõe essas diferenças socioeconômicas por meio das fotografias. Então, a partir da exposição, os alunos analisarão e refletirão sobre aqueles contextos.

Em seguida, eles serão divididos em seis grupos de quatro alunos cada e cada grupo escolherá uma foto do livro para fazer uma releitura. Nesse momento, contaremos com a participação da professora de Arte, que fará uma explicação sobre o que é uma releitura.

Por fim, eles decidirão qual é a fotografia escolhida para cada grupo e então começarão o processo de produção das releituras. Cada grupo terá disponível uma câmera fotográfica para fazerem as fotos, que serão posteriormente reveladas e organizada por eles em uma exposição.

Dia 2

Ainda em grupos, os alunos receberão uma tabela com o Índice Gini da renda de diversos países. Depois, eles aprenderão a pronunciar os números racionais de maneira adequada. Por exemplo, 0,31 é o mesmo que “trinta e um centésimos” e 0,4 é “4 décimos” ou “quarenta centésimos” (ao pensar que $0,4=0,40$). Essa explicação será feita para que os alunos possam analisar quais países têm maior ou menor Índice Gini, comparando-os. A partir desse momento, a presença de um professor de Geografia seria importante para ajudar a contextualizar sobre os países presentes na tabela.

Os grupos irão trabalhar com a ordenação de números decimais, ao colocar em ordem crescente os índices da tabela. É importante que eles percebam, a partir da explicação anterior, que, por exemplo, 0,4 é maior que 0,31.

Após esse momento, haverá uma explicação sobre o Índice Gini: o que ele é, o motivo de receber esse nome e como ele funciona para medir a desigualdade. Feito isso, os alunos iniciarão uma análise do Índice Gini do Brasil, em comparação com outros países, refletindo sobre a sua distribuição de riquezas, se o seu índice é alto ou baixo e o que isso significa.

Dia 3

Ainda no estudo sobre desigualdade, baseados no Índice Gini, o terceiro dia da oficina começará com a exploração dos Índices Gini da renda dos estados e cidades do Brasil. Os alunos irão receber uma segunda tabela, com os índices de todos os estados brasileiros. Essa tabela já estará organizada do menor para o maior índice. Com foco no estado do Paraná, os alunos irão refletir se o seu índice é alto ou baixo, em comparação com os outros estados.

Com os olhares voltados novamente para o estado do Paraná, em uma terceira tabela, contendo todos os municípios do estado, os grupos analisarão o Índice Gini em relação à renda da cidade de Itambaracá, juntamente com o índice das outras cidades. Essa tabela possui os índices dos anos de 1991, 2000 e 2010. Os grupos deverão analisar se o índice de 2010 de Itambaracá é alto ou baixo, além de dizer se é maior ou menor do que o dos outros anos. Os alunos também irão comparar o Índice Gini de Itambaracá com de outras cidades. Primeiramente com a capital, Curitiba, e posteriormente com cidades próximas como Bandeirantes, Andirá, Cambará, Abatiá e Santa Mariana. Nesse momento, eles poderão organizar esses dados em uma tabela construída por eles.

O último momento do terceiro dia é destinado para a análise do Índice Gini com relação à distribuição de terras. Eles analisarão duas tabelas: a primeira mostrará o Índice Gini da propriedade de terra no Brasil e a segunda o Índice Gini da propriedade de terra no Paraná. Os grupos deverão analisar em qual ano o Brasil e o Paraná tiveram o índice mais baixo e o mais alto.

Esse dia encerra-se com a discussão sobre a concentração fundiária nas mãos de poucas pessoas. Antes haverá uma breve introdução histórica da desigualdade da distribuição de terra no Brasil, momento o qual cabe uma contribuição do professor de História, se possível.

Dia 4

No quarto e último dia oficina, os alunos receberão as releituras feitas por cada grupo. As fotografias estarão reveladas em preto e branco, assim como as do livro *Terra*. Em seguida, eles serão direcionados a produzir as legendas para as releituras. Poderão, também, escolher trechos de músicas ou frases que os representam o que as fotografias retratam, para produzirem a exposição.

Por fim, chega o momento em que, depois de estudarem sobre a desigualdade e a interpretarem matematicamente, eles voltam seus olhares para eles mesmos, uma vez que os alunos dessa escola do campo também fazem parte daquela realidade. Assim, será proposta uma discussão com vistas a finalizar a oficina.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao planejar a oficina, um ponto muito importante e trabalhoso foi o tempo: quanto tempo os alunos levariam para verem a exposição e fazerem suas próprias observações, para pensar em uma releitura e realizá-la, para se organizarem novamente na sala e muitas outras dúvidas em relação ao planejamento das atividades. Por fim, a oficina teve duração de 5 horas e 20 minutos – mais rápido do que o planejado. Um ponto que influenciou nessa mudança foram as constantes faltas dos estudantes dessa escola às aulas. Também, como uma primeira ação de docência por parte da estagiária, havia uma imprevisibilidade do tempo de execução.

No primeiro dia, como previsto, foram expostas algumas fotografias do livro *Terra* no pátio da escola. Assim que os estudantes avistaram a exposição, curiosos com o elemento novo em sua escola, eles aproximaram-se e depois afastaram-se, sem entender o que era.

Em seguida, os alunos foram encaminhados para a sala de aula onde ocorreria a oficina. Já na sala, foi apresentado a eles o tema da exposição e o que seria feito na sequência. Com as câmeras fotográficas em mãos e com o apoio da professora de Arte, explicando o que é uma releitura e mostrando a eles exemplos, os grupos – apenas dois, pois tínhamos apenas duas câmeras disponíveis nesse dia – fizeram três releituras cada de algumas fotografias do livro *Terra*. Diversos espaços da escola e próximos a ela – como um canal – foram utilizados para isso.

As atividades foram replanejadas e algumas propostas para o segundo dia foram adiantadas para o primeiro. Após as primeiras análises com Índices Gini e exploração da ordenação de números decimais, foi formalizado o significado desse índice e como ele funcionava enquanto medidor da desigualdade. Ao conhecer o índice Gini, os alunos ficaram impressionados como a Noruega é pouco desigual e, também, supuseram o Haiti ser tão desigual por seus desastres naturais. Foram estabelecidos diversos diálogos a partir dessas inferências dos estudantes.

No segundo dia, foram desenvolvidas as atividades que estavam propostas para o terceiro dia. Quando foram apresentadas as tabelas com o Índice Gini de distribuição de terra do Brasil e do Paraná, os estudantes ficaram impressionados com os índices tão altos de ambos. Isso possibilitou a realização de uma discussão e uma reflexão sobre o tema que motivou a oficina: a luta pela reforma agrária. Infelizmente, o professor de História não esteve presente nesse momento – o que poderia enriquecer o debate.

Foram incluídas nesse dia a leitura e a análise de gráficos relativos à concentração de terra no Brasil, retirados de Oxfam Brasil (2016). Com isso, além dos gráficos, foi abordado o tema da porcentagem, tratando da distribuição de tratores no país.

A partir de então, os estudantes começaram a relacionar as discussões com a exposição de fotos do dia anterior. O último momento do dia foi destinado à interpretação de um gráfico de barras que tratava da distribuição fundiária. Um dos alunos perguntou se as informações daquele gráfico eram reais ou se se haviam sido criadas, afinal, segundo eles, os dados eram inacreditáveis. Foi apresentada a fonte das informações: “Terrenos da desigualdade: terra, agricultura e desigualdades no Brasil rural” (OXFAM BRASIL, 2016). Outro estudante disse: “mas, professora, é muita terra para poucas pessoas!”. Rapidamente, uma garota emendou: “por isso que o Índice Gini da distribuição de terra é tão alto, né?”.

A oficina foi finalizada em mais um dia apenas, pois as atividades planejadas foram realizadas em menos tempo e com a concordância da equipe escolar. Nesse último dia, os grupos organizaram a exposição de suas releituras, com as fotografias já reveladas, que foram coladas no papel *craft*.

CONCLUSÕES

A oficina baseou-se em uma proposta curricular do MST, o Plano de Estudos das Escolas Itinerantes do Paraná (MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, 2013), que está organizado a partir de complexos de estudos e porções da realidade. Essas atividades possibilitaram um espaço, ainda que pequeno – limitado ao estágio supervisionado, em um semestre do curso –, na formação inicial de uma professora de Matemática, para a Educação do Campo, reconhecendo especificidades desse contexto e respeitando as lutas próprias dos povos do campo, como a que se refere à reforma agrária.

Por fim, é importante e necessário que essa temática esteja presente nos cursos, para todos os estudantes e futuros professores, para que eles reconheçam o campo como um local de atuação e preparem-se para tal, considerando o que há de específico nisso.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 1, de 3 de abril de 2002. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. **Diário Oficial República Federativa do Brasil**, Brasília, 9 abr. 2002.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 35-64, mar./jun. 2009.

FREITAS, Luiz Carlos de. A luta por uma pedagogia do meio: revisitando o conceito. In: PISTRAK, Moisey Mikhaylovich. **A Escola-Comuna**. Tradução de Luiz Carlos de Freitas e Alexandra Marenich. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 9-101.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Escola Itinerante: Plano de Estudos**. Cascavel: UNIOESTE, 2013.

OXFAM BRASIL. **Terrenos da desigualdade**: terra, agricultura e desigualdades no Brasil rural. Oxfam Brasil, 2016.

SACHS, Línlya; CARVALHO, Diego Fogaça; ELIAS, Henrique Rizek. Mathematics proposals for itinerant schools of Paraná in the context of the struggle for agrarian reform. **RIPEM - International Journal for Research in Mathematics Education**, v. 9, n. 1, 2019, p. 73-93.

SALGADO, Sebastião. **Terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.